

A culpa, o racismo e a psicopatologia: uma reflexão

Guilt, racism and psychopathology: a reflection

Ana Julia da Silva Pereira

Psicóloga, em Residência ênfase Saúde da Família e Comunidade, GHC

Caroline da Silva Pereira

Graduanda em Publicidade e Propaganda, PUCRS

Resumo

Este trabalho consiste em um estudo sobre a existência de práticas racistas em nossa sociedade, a relação desta existência com o sentimento de culpa e o desencadeamento de psicopatologias. Através de leituras de Freud em relação à primitividade da sociedade, Foucault sobre as relações de poder, e DaMatta sobre a identidade brasileira, e recortes de vivências e experiências, pretende-se mostrar o quanto que a culpa é um dos principais sentimentos que permeiam as relações sociais e institucionais que perpetuam o racismo. E que ela pode torna-se a base para o desenvolvimento de diferentes psicopatologias.

Palavras-chave

Culpa. Racismo. Psicopatologia.

Abstract

This paper presents a study on the existence of racist practices in our society, the existence of this relationship with the guilt and the triggering of psychopathology. Through readings of Freud in relation to the primitiveness of society, Foucault, on power relations, and DaMatta, on the Brazilian identity, and clippings of experiences and learning, we intend to show how the guilt is one of the main feelings that permeate the social and institutional relations that perpetuate racism. And it can become the basis for the development of different psychopathologies.

Keywords

Guilt. Racism. Psychopathologies.

Considerações Iniciais

Este trabalho consiste em um estudo sobre a existência de práticas racistas em nossa sociedade, a relação desta existência com o sentimento de culpa e o desencadeamento de psicopatologias. Através de leituras de Freud em relação à primitividade da sociedade, Foucault sobre as relações de poder, e DaMatta sobre a identidade brasileira, e recortes de vivências e experiências, pretende-se mostrar o quanto que a culpa é um dos principais sentimentos que permeiam as relações sociais e institucionais que perpetuam o racismo. E que ela pode torna-se a base para o desenvolvimento de diferentes psicopatologias.

Foucault, o poder e o discurso racista

Foucault, grande filósofo francês, tem seus estudos direcionados a compreensão de como a sociedade funciona e quais são os mecanismos que a sustentam. Sobre o racismo, ministrou um curso que se tornou um livro, a “genealogia do racismo”.¹ E nele, apresenta o racismo como um discurso que transita entre duas vertentes. Na primeira, o racismo está inserido em uma guerra de raças, onde a luta pela sobrevivência se justifica enquanto as raças, com suas histórias e ideologias combatem pela preservação e continuidade. E na segunda, uma visão biológica e evolucionista classifica as raças em inferiores e superiores, um discurso importante para dominação, controle e exercício de poder.

Desta forma, o racismo seria um dos mecanismos que fundamentam a sociedade e criam as relações de poder, relações que transitam entre os corpos a todo o momento, e que são produtoras de verdades. Ou seja, o discurso racista é uma destas verdades produzidas pelo poder estabelecido, e que define raças e subraças. No Brasil isto apareceu nitidamente nos tempos de colonialismo, e a preocupação em não permitir a miscigenação e sim a europeização como uma proposta de industrialização e crescimento econômico do país² e na implantação do bilinguismo entre os povos indígenas, em meados de 1970. Ao incentivar a vinda de imigrantes europeus o objetivo era o de "embranquecer a sociedade". Para um país com passado de colônia, identificar-se com os países europeus seria como integrar-se a raça dominante, anulando assim o passado de país dominado cujos verdadeiros habitantes não eram de origem europeia. E no aprendizado de português entre os índios denota-se o esforço em ressaltar a língua falada pela raça que detém o poder, e de eliminar a figura do índio como integrante da cultura brasileira.³ O índio, assim como o negro, não seria considerado um brasileiro, algo paradoxal na medida em que estes eram os habitantes das terras na época do descobrimento.

E por estes conflitos entre raças, entre outros fatores, Foucault alega que nas sociedades não há uma paz legítima, sempre se está em guerra. Passada uma guerra civil onde, pela força, se é imposta determinadas verdades, há uma guerra de preservação e manutenção destas mesmas verdades. Como ilustra LaMothe, ao analisar a vida de Malcolm X, identifica-se em sua história vestígios de humilhação, vergonha e desejo de morrer diante da perseguição de uma política, que é fruto de uma estrutura racista que propaga que os negros sejam tratados de forma degradante.⁴ E este tratamento pode ser

¹ FOUCAULT, Michel. *Genealogía del Racismo*. La Plata: Argentina Editorial Altamira, 1996.

² MOUNTIAN, Ilana e CALVO-GONZALES, Elena. Race, class and affirmative action in Brazil: Reflections from a feminist perspective. *Feminism & Psychology*, v. 22, n. 240, 2012.

³ SOUZA, Renata Adriana de. O exercício do poder e a exclusão de indivíduos e de línguas da sociedade brasileira. *Acta Scientiarum. Language and Culture*, Maringá, v. 30, n. 2, Apr. 2008. p. 225.

⁴ LAMOTHE, Ryan. Political humiliation, object use, and psychological changes in the life of Malcolm x. *Psychoanalytic Review*, v. 99, n. 1, February 2012.

equivalente a uma guerra psicológica onde o objetivo é eliminar os integrantes da raça considerada inferior, incutindo sentimentos de culpa e desejo de morte, aniquilamento da existência.

Freud, e a vida como sofrimento

Freud, em “mal-estar na civilização”, escreve sobre o sofrimento de se viver em sociedade e as poucas possibilidades de se ser feliz. Para ele, o sofrimento ronda o ser humano pela vulnerabilidade física orgânica do corpo, pelas exigências do mundo externo e as dificuldades de se relacionar com os outros homens.⁵

E, com relação ao contato entre os homens, as questões raciais tornam-se essenciais para exemplificar o quanto que os homens sofrem, seja porque pertencem a uma raça considerada privilegiada e, portanto que faz sofrer, seja por estar em uma raça dita inferior. O peso de nascer com uma cor que não é considerada “bonita” ou “digna”, de ter sua cultura, modo de vida, identidade, subjugados e destruídos, é bastante impactante para um desenvolvimento saudável e qualidade de vida.

Ele referencia o quanto que a mulher está em segundo plano, em uma sociedade criada para e pelos homens. A mulher e o seu papel materno, quando em uma raça considerada inferior, enfrenta sofrimentos e as dificuldades em maior amplitude. Como observado em uma pesquisa realizada em Alagoas com mulheres de comunidades remanescentes de quilombos; o papel da maternidade e do cuidar da família faz parte do imaginário delas e não é considerada uma carga excessiva de trabalho. Mas confessam infelicidade diante da opressão, violência doméstica, vulnerabilidade a doenças sexualmente transmissíveis e racismo por parte de profissionais da saúde quando em atendimento na atenção primária, da qual são vítimas.⁶ Sobre o preconceito racial de profissionais da saúde, foi possível ouvir uma fala semelhante em uma roda de conversa entre representantes de uma comunidade quilombola de Porto Alegre, durante uma vivência do VERSUS 2012. Nesta roda pode-se ouvir destes representantes o descaso, dentro daquela comunidade, dos profissionais de uma determinada unidade de saúde com relação a não querer atender os quilombolas, que pertenciam a uma região de difícil acesso. Também há o peso do estereótipo da escravidão, da exclusão e da luta destas em

⁵ FREUD, Sigmund. *Sigmund Freud*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. 21.

⁶ RISCADO, Jorge Luís de Souza; OLIVEIRA, Maria Aparecida Batista d; BRITO, Ângela Maria Benedita Bahia de. Vivenciando o racismo e a violência: um estudo sobre as vulnerabilidades da mulher negra e a busca de prevenção do HIV/AIDS em comunidades remanescentes de Quilombos, em Alagoas. *Saúde e Sociedade*, São Paulo, v. 19, supl. 2, p.96-108, 2010.

prol dos filhos e mesmo dos maridos em ambientes inóspitos como no caso das mulheres cubanas em meio à dominação espanhola.⁷

Especificamente sobre o sentimento de culpa, Freud define duas categorias, o sentimento de culpa que surge do medo de uma autoridade e o medo que surge do superego – uma instância psíquica que vigia a “qualidade” dos pensamentos conscientes.⁸ Neste caso, a raça superior como detentora de poder irá exercer uma relação de autoridade, e, portanto, infligir culpa naquelas que considera inferior, pois o medo é um mecanismo de controle. Algo bastante exemplificado por LaMothe, quando fala dos sentimentos de vergonha e de inutilidade de Malcolm X, como alguém que foi vítima do racismo estrutural norte-americano.⁹ Ao mesmo tempo em que há o medo das autoridades que praticam o racismo, os sentimentos de vergonha e de mortificação identificados nele mostram também a expressão da culpa e da necessidade de autopunição, tornando-o vulnerável a emoções e sentimentos como raiva, inadequação, desamparo, e psicopatologias como depressão e ansiedade. Nesse caso, um sentimento de aniquilamento que foi transformado em uma causa de vida que lhe trouxe reconhecimento e respeito. É possível detectar a utilização de mecanismos de defesa saudáveis para superar tamanhas adversidades, como a introjeção, o de se identificar com outras pessoas que também enfrentavam as mesmas dificuldades, através de uma identificação com a raça sofredora ao qual pertencia para então poder solucionar os sentimentos de frustração e desejo de morte. Uma transformação que para o autor⁴, foi uma longa caminhada onde se denota uma resiliência psicológica, passível de ser encontrada em todos aqueles que sofrem, mas encontram meios psíquicos de vencer as adversidades.

Hunter e Schmidt apontam, em estudos sobre diferenças de ansiedade psicopatológica entre africanos e europeus americanos, além de doenças crônicas, a consciência do racismo, e o estigma de doente mental como fatores que predisõem a uma conduta de negligência com relação ao tratamento da ansiedade entre os africanos americanos.¹⁰

Por outro lado, entre quem pertence a uma raça dita superior, há a possibilidade de se identificar com o outro, como um ser humano além da dualidade de raças, e isto pode acionar a culpa pelo medo de se estar “agindo injustamente com o outro”, angariando a necessidade de ser punido, entre outros sentimentos. Para Spanierman e Heppner, existem as consequências emocionais de se fazer parte de um grupo dominante,

⁷ SOTO, Ivette Sónora. La mujer negra. Aproximacion al estudio de los estereotipos trazados por los codigos negro. *Santiago*, v. 121, p. 135-169, Jan./Apr. 2010. p. 135. Disponível em: <<http://ojs.uo.edu.cu/index.php/stgo/article/viewFile/14510108/2066>>. Acesso em: 10 ago. 2013.

⁸ FREUD, 2006.

⁹ LAMOTHE, 2012.

¹⁰ HUNTER, Lora Rose e SCHMIDT, Norman. Anxiety Psychopathology in African American Adults: Literature Review and Development of an Empirically Informed Sociocultural Model. *Psychological Bulletin*, v. 136, n. 2, p. 211-235, 2010.

e afirmam que essas consequências são percebidas em três dimensões: o ter consciência e sensibilizar-se com o racismo (White empathy), o sentir vergonha ou culpa pela existência do racismo (White guilty) e o ter medo de pessoas de cor (White fear).¹¹ Essas três dimensões são amplamente estudadas em contexto escolar, e existem instrumentos de avaliação específicos como *The Quick Discrimination Index (QDI)*, *Psychosocial Costs of Racism to Whites Scale (PCRW)*, *Colorblind Racial Attitudes Scale-Short Form*, entre outros.¹² E o profissional da psicologia (entre outros mais) é convidado a preparar educadores e orientar alunos para desenvolver, entre outros fatores, o olhar para a diversidade e a reflexão diante do pertencer à raça branca e a consciência da existência do racismo.¹³

Sobre racismo na escola, como residente de psicologia pude observar a presença de piadas racistas e preconceituosas entre alunos durante atividades de prevenção e promoção de saúde. Quando em realização, em equipe multidisciplinar de oficinas sobre valores sociais e bullying, muitas vezes foi possível ouvir dos alunos expressões como "ele vai fazer tudo porque é meu escravo", ou apelidos como "macaco", "bife" para alunos de cor. E muitas vezes isto soa para quem faz e quem sofre, como uma brincadeira, assim como o próprio bullying. Deste modo torna-se difícil avaliar se existe ou não práticas de racismo nas escolas, seja entre alunos, e ou entre alunos e professores.

DaMatta e o racismo a la brasileira

Para Da Matta, antes de se falar em racismo e preconceito racial em contexto brasileiro, é preciso pensar nos fatores que compõem a identidade brasileira. A identidade de um país que tem como nome a marca de uma exploração – o pau brasil, e que foi “fundado” oficialmente por uma aristocracia portuguesa que estipulou relações sociais hierarquizadas, onde os negros e índios foram dominados e explorados, pois previamente em legislação eram considerados inferiores.¹⁴

No Brasil, o preconceito racial se consolida na figura do “mulato”, e da miscigenação das raças, um racismo diferente de outras sociedades onde o convívio e a mistura entre as raças são condenados, e que aqui reforça a posição de destaque entre o ser branco, e humilha e ignora o ser negro. Entre ambas as raças existem inúmeras contingências limitadoras de posições sociais, onde o branco situa-se no topo, o negro no limbo, e a ignorância deste saber torna ambos conscientes dos seus “devidos lugares”. Assim, o preconceito apenas se desmascara quando se é questionado os “devidos lugares”. Importante destacar que para os ativistas do movimento negro, e na academia, a

¹¹ SOBLE, Jason R.; SPANIERMAN, Lisa B; e LIAO, Hsin-YA. Effects of a Brief Video Intervention on White University Students' Racial Attitudes. *Journal of Counseling Psychology*, v. 58, n. 1, p. 151-157, 2011.

¹² SOBLE; SPANIERMAN; LIAO, 2011.

¹³ TODD, Nathan R., SPANIERMAN, Lisa B; e POTEAT, V. Paul. Longitudinal Examination of the Psychosocial Costs of Racism to Whites Across the College Experience. *Journal of Counseling Psychology*, v. 58, n. 4, 508-521, 2011.

¹⁴ DAMATTA, Roberto. *O que faz o brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

designação “pardo(a)” e seus sinônimos (moreno, mulato embranquecido, etc.) como raça é condenado em prol da valorização da identidade negra, ao combate ao racismo que no país é mascarado e a uma atitude favorável as controversas políticas afirmativas como as cotas nas universidades.¹⁵ Pois, com a política de cotas em universidades federais, é comum a confusão entre a raça e a cor e o desejo de alguns de obter as vagas por cotas com o fenótipo branco, alegando pertencer à raça negra por causa de parentesco, e por outro lado à recusa de muitos negros de aderirem a este tipo de política como se fosse uma “esmola e atestado de falta de capacidade”, como foi constatado em debate durante um curso de capacitação realizado em Porto Alegre, em 2013, sobre políticas de saúde da população negra.

Para Alves, o racismo no Brasil desponta muitas vezes como algo selvagem, onde o negro é visto apenas como uma figura exótica, enquanto sofre altos índices de desemprego e violência e é grupo predominante em bairros de periferia (como as favelas). Ele relata o caso de um homem jovem e negro que queimou a bandeira do Brasil e exclamou que “o país era uma pátria assassina de negros”, ao qual Alves seguiu o protesto afirmando que a bandeira deveria ser queimada devido à natureza antropofágica da nação.¹⁶

O autor faz esta reflexão ao analisar a frase de Antonil, “O Brasil é um inferno para os negros, um purgatório para os brancos e um paraíso para os mulatos”. Uma frase que também sintetiza o quanto que negros e brancos brasileiros lidam com um sentimento de culpa onde a figura intermediária do mestiço seria a perfeição. Entre a culpa de se sentir inferior e ter como bagagem a história da escravidão e da exclusão, e a de ser responsável por fazer sofrer e de ter consigo uma identidade mais europeia do que brasileira. Desta forma, o mulato realmente seria o a soma destas duas polaridades, e uma mescla considerada perfeita. E assim, teríamos como figuras de brasilidade a “globeleza”, o “carnaval”, o que retoma a discussão de Alves sobre o negro ser lembrado como uma figura exótica, diferente, e não como um cidadão.¹⁷

Considerações Finais

Pode-se constatar que as ideias de Foucault com relação ao racismo e o quanto que ele serve de mecanismo para sustentação de um poder, podem ser relacionadas com as ideias de Freud sobre os padecimentos do ser humano em vida em sociedade. O discurso racista, em suas duas vertentes, de certo modo coexistem em nossos dias e esta realidade pode ser um dos fatores que fazem dos homens seres vulneráveis a infelicidade e portanto, a sentimentos de culpa, produtores de má qualidade de vida e sofrimento psíquico.

¹⁵ MOUNTIAN; CALVO-GONZALES, 2012.

¹⁶ ALVES, Jaime Amparo. Dialectics of the African Diaspora: The glocality of race and resistance in the Brazilian economy of violence. *Cultural Dynamics*, v. 24, n. 3, 2012.

¹⁷ ALVES, 2012.

Afinal de contas, não se é valorizado simplesmente por ser humano. Está à mercê da posição social que ocupa em circunstâncias da origem racial ao qual pertence ou é considerado como pertencente, e então a partir disso pode-se ser mais ou menos feliz, valorizado ou não.

Porem, à medida que o poder, como diz Foucault, não é cristalizado e portanto não há oprimidos e opressores, o discurso racista pode ser superado, desde que outras verdades sejam produzidas para sustentar diferentes modos de exercer poder. E a consciência disso torna-se essencial para que possam ocorrer mudanças em uma sociedade, principalmente para as pessoas que se sentem inferiores por pertencerem a uma determinada raça de repente possam questionar esse lugar e construir outro.

Algo que remete ao racismo no Brasil. Um racismo que, para Da Matta, é velado e ignorado exatamente porque não há a consciência de que existe um racismo. A cultura do “cada um sabe seu lugar”, e mesmo do Brasil como um país de mestiços permite que relações de hierarquia social existam, remetendo a períodos de colonização portuguesa que datam mais de quinhentos anos, e que justificam processos de exclusão e de uma fala de “minorias étnicas” sofredoras.

Desta forma, o negro brasileiro é o pobre, é o feio, é o ridicularizado, lembrado apenas no carnaval, enquanto o branco brasileiro no fundo ainda é o branco com ascendência europeia, com a herança de ser colonizador e portanto, não estar na sua verdadeira terra apesar de todos os privilégios. Duas posições extremamente antagônicas, mas ambas com grande carga de sofrimento de pertencer a um país ainda com o estigma de ser uma ex-colônia, ou seja, um país que, nas relações de poder, está em desvantagem diante de outros.

Para finalizar, poder realizar esta reflexão sobre raças e a existência de preconceito racial torna-se de extrema valia para se pensar em processos de saúde psicológica, processos esses desencadeadores de autonomia e mudança social. Principalmente, quando se pensa no racismo como um dos principais mecanismos de desvalorização, humilhação e negligência de seres humanos, portanto, um fator desencadeante de doenças e sofrimento psíquico. Um mecanismo ensinado, aprendido e repetido constantemente, e que precisa ser questionado caso se queira lutar por uma saúde mais justa e igualitária, não somente, mas principalmente em contexto de saúde pública, e também na educação.

[Recebido em: agosto de 2013;

Aceito em: novembro de 2013]